

# Jorge Patego



262 823 302 | 966 186 871  
www.teatrodarainha.pt  
comunicacao@teatrodarainha.pt



**Jorge Patego**  
M/6

Autor: Molière

Encenação: **Fernando Mora Ramos**

Tradução e dramaturgia: **Isabel Lopes**<sup>1</sup>

Cenografia: Adaptação do cenário de **José Serrão**

para "Mandágora", de Maquiavel

Desenho de som: **Francisco Leal**

Iluminação: **Hâmbar de Sousa**

Figurinos: **Maria Mendes e José Carlos Faria**

Interpretação:

**Beatriz Antunes** – Claudina

**Fábio Costa** – Jorge Patego

**Hâmbar de Sousa** – Clitandro

**Isabel Lopes** – Senhora de Villar de Tolos

**José Carlos Faria** – Senhor de Villar de Tolos

**Matilda Taveira** – Angélica

**Nuno Machado** – Manhoso

**Tiago Moreira** – Perdigoto

<sup>1</sup> Professora especialista da ESEC

Direção de Produção: **Ana Pereira**

Coordenação técnica: **Hâmbar de Sousa**

Produção executiva: **Rebeca Vendrell**

Montagem do dispositivo de luz e som: **Hâmbar de Sousa,**

**Raquel Capitão, Pedro Machado e Inês Silva**<sup>2</sup>

Costureiras: **Teresa Plácido e Aida Pedro**

Operação de som e luz: **Raquel Capitão**

Textos: **Henrique Falho**

Design gráfico e imagem: **José Serrão**

Spot Rádio: **Raquel Capitão**

Comunicação e públicos: **Henrique Falho, Inês Pereira**<sup>3</sup>

e **Nuno Machado**

Fotógrafos residentes: **Paulo Nuno Silva e Margarida Araújo**

Direção Artística: **Fernando Mora Ramos**

Secretariado: **Teresa Almeida**

Agradecimentos: Sr. **Manuel Domingos Alexandre, Sr.ª Maria**  
**Virgínia Anacleto, Sr. Emílio Dimas, Junta de Freguesia de N.ª Sr.ª**  
**do Pópulo, Coto e São Gregório**

Apoio à comunicação:

**ANTENA 2** **Gaceta das Caldas** **JORNAL CALDAS** **TELEVISÃO**

<sup>2</sup> Estágio Curricular de Programação e Produção cultural da ESAD  
<sup>3</sup> Estágio Profissional do IEPF

## Jorge Patego. Eu enraiveço, isso sim, quando me culpam, tendo eu razão.

**Jorge Patego**, camponês novo-rico, decide comprar um título de nobreza tomando por mulher uma fidalga de nome Angélica. O negócio com os pais da jovem, nobres de província em decadência, resulta calamitoso. A mulher diz-lhe que a sua intenção não é a de renunciar ao mundo e de ir enterrar-se em vida com um marido, ele exige-lhe que respeite os laços do matrimónio em vez de se entregar aos avanços do visconde Ciltandro. Tomando conhecimento dos comportamentos da mulher através das indiscrições de Manhoso, mensageiro ao serviço do visconde, Patego, assaltado de ciúme, decide provar junto dos sogros a traição de Angélica. Na expectativa de que os Senhores de Vilar de Tolos sejam capazes de castigar a filha, lança-se numa sucessão de tentativas para expor Angélica em flagrante delito. Todas acabam goradas devido à engenhosidade da fidalga e de Claudina, a criada. Patego vê-se assim obrigado a aceitar o seu destino de marido-corno, vítima da pretensão de ascensão social que lhe trouxe mais infortúnios do que alegrias.

## Senhora de Vilar de Tolos. Continuais a querer meter-nos coisas na cabeça?

**Jorge Patego. Sim, senhora, e na minha ainda metem coisas piores.**

**Molière**, nome artístico de Jean-Baptiste Poquelin, nasceu em Paris no ano de 1622. Filho de um estofador com o cargo de *valet de chambre* e tapeceiro do rei Luís XIV, ficou órfão de mãe com apenas dez anos de idade. Em 1633, entrou no curso de Humanidades do Collège de Clermont, uma prestigiada escola de jesuítas frequentada pela nobreza e pela alta burguesia. Aí completou a sua formação em 1639, adquirindo posteriormente do pai o título de Tapissier du Roi. Isto permitiu-lhe contactar com o elegante Rei Sol de França, numa época de intensa criatividade artística. Frequentou o ambiente teatral travando conhecimento com Tiberio Fiorilli, dito Scaramouche, actor italiano de *commedia dell'arte* e forte influência no teatro de Molière.

*George Dandin ou le Mari confondu*, no original, foi exibida, pela primeira vez, no Palácio de Versalhes durante *Le Grand divertissement royal*. Estávamos em 1668. Tal como *Le Misanthrope* (1666), foram peças pouco apreciadas no seu tempo, ao contrário de outras comédias que deixavam perceber nas entrelinhas ataques pessoais e crítica de costumes. Dandin pecava, desde logo, por não penalizar a mulher infiel face ao marido traído. Molière é especialmente perspicaz no modo de abordar o tema, eximindo-se de julgamentos sobre a figura feminina. O ciúme doentio de Patego pode ter as suas razões, mas a infidelidade de Angélica não deixa de ter as suas. Mas havia também no texto, ainda que de modo menos explícito, a denúncia de uma justiça desigual para nobres e lavradores. A igreja e uma certa corte de instalados não apreciaram.

Ninguém escapa isento desta comédia negra. Hilariante, cómico, divertido, *Jorge Patego* beneficia de um humor que escapa ao riso fácil e aos finais felizes, resistindo no tempo por transgredir nas fórmulas mais básicas. É um tratado de comédia que devia ser leitura obrigatória em qualquer escola de humor. As repetições, as hesitações, as personagens que se corrigem umas às outras, os lapsos, as inversões de sentido, a dinâmica nas transições de cena, tudo isso contribui para um cómicó anterior à indústria do

riso. Trata-se de um cómicó que incorpora a dimensão trágica de personagens que são vítimas de traição, de ambições arrivistas, de intriga palaciana, da hipocrisia que representam, de maus tratos, das suas afectações, da condição social e singular em que se encontram como pássaros a cantarolar no interior de uma gaiola.



## E viveram infelizes para sempre

Esta peça tem dois protagonistas — um contra-senso —, embora o título seja “Jorge Patego”. Na verdade, o protagonista é uma dupla, uma verdadeira unidade de contrários, um “casa!” impossível à luz das aspirações de uma e de outro — no entanto, pela via da sobrevivência de uma classe arruinada (pequena nobreza provinciana) e do desejo de estatuto de outra, entretanto ascendida (burguesia rural nova rica), o encontro dá-se sob a forma de negócio e alguma diplomacia.

O que importa reter é que a luta de classes, que fabrica um momento de conciliação no casamento, é uma luta entre duas “culturas” inconciliáveis. E isso nos modos formalizados de trato a que Patego é obrigado pelos sogros, mas sobretudo, de modo demonstrativo na peça, na irreducibilidade da posição “feminista” de Angélica em contraponto com a resiliente obsessão de Patego em selar a sua ascensão e proclamá-la — de bandeira passa a paranóia durante a peça, o seu “erro” persegue-o, parte-o ao meio: «mais valia ter casado com uma camponesa», pois em caso de infidelidade «dar-lhe umas pauladas» seria legal.

Num tempo em que o direito à escolha, exercer o que se sente em matéria de comércio amoroso, é prática emergente mas não um direito, imperava a justiça patriarcal e o feudo — ela é propriedade do pai, como os servos da gleba, no seu caso a utilidade é casar e dar varões — Angélica desobedece a todos os códigos, aos dos pais beatos e aos do marido proprietário. Vendida a Patego, ela será uma “escrava” de luxo, uma esposa, um braço a ostentar como qualquer aquisição. O que faz uma esposa na perspectiva de Patego? Fecha-se em casa, é submissa e sorri ao “dono”. Para Patego importa que à riqueza recente junte uma aparência que vai “comprar” justamente no teatro de aparências adversárias. O ascendido combate o poder anterior ao mesmo tempo que é seduzido pelo tipo de vida “requintado” (caçar lebres?) destes — contradição interior e mortal. Hoje, a pequena burguesia universal (Agamben) é seduzida pelo estilo de vida multimilionário das celebridades em espectáculo na prateleira planetária, ser fã é uma fé e o respectivo ícone um modelo. Esse “fim da história” *fake* começava aqui, nestas vidas que dependiam já de estratégias da “imagem” como renda. No caso, o desejo aristocrático do novo-rico termina em tragédia. Muitas outras dimensões, exteriores e temáticas, interiores e estruturais, formais, tem esta peça, uma comédia negra, uma comi-tragédia.

O que é explosivo e anuncia tempos futuros são os enfrentamentos duros com os sogros, acusando-os de oportunistas e com a *demoiselle* chamando-a ao dever de ser fiel em toda a linha, essa vocação canina. Esses conflitos que aqui ainda implodem anunciam os tempos actuais, a luta entre o feminismo libertário e o machismo proprietário, entre a menina “frívola” e o “empreendedor” de sucesso.

Dizer ainda que neste Molière a *commedia dell'arte* está ainda muito presente, geneticamente, numa osmose e equilíbrio notáveis com o teatro de texto, de ideias: o confronto feito teatro, expresso no tribunal da cena, entre as duas perspectivas enunciadas.

Fernando Mora Ramos